

PALÁCIO DA CIDADE, RIO DE JANEIRO, RJ, 23 DE JUNHO DE 2002

Este encontro aqui no Rio de Janeiro é uma oportunidade única para garantir o sucesso da Cúpula de Johannesburgo sobre Desenvolvimento Sustentável.

Temos a firme determinação de que Johannesburgo não marque um retrocesso em relação ao “legado do Rio”.

Muitos dos que aqui estão certamente acompanharam os trabalhos preparatórios da Cúpula Mundial e, portanto, sabem das dificuldades que ainda persistem, das questões que permanecem em aberto e, sobretudo, do esforço que nos resta fazer para que a comunidade internacional, no começo do século XXI, esteja em condições de dar passos adiante, e não passos atrás.

O Brasil e a maioria dos países em desenvolvimento não aceitam que se reabram negociações sobre os princípios e conceitos consagrados na Rio-92, como a responsabilidade comum, mas diferenciada, de todos, na construção do desenvolvimento sustentável.

Temos a convicção de que, na próxima década, devemos ser capazes de implementar os compromissos da Agenda 21.

Esta deve ser uma década de respeito aos direitos das gerações futuras e de construção da cidadania planetária.

Ninguém ignora que o Brasil também enfrenta dificuldades para implementar os compromissos do Rio. Afinal, somos um país que tem o desafio de atender tanto ao imperativo do desenvolvimento quanto às exigências da proteção ambiental.

Mas o Brasil está fazendo a sua parte.

Posso destacar, no plano interno, o processo amplo e participativo que resultou na elaboração da Agenda 21 Brasileira pela sociedade.

Para não me estender em exemplos, quero lembrar apenas algumas ações significativas no campo da preservação da biodiversidade.

Aprovamos a lei que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Essa lei facilitará a criação de áreas protegidas e de parques nacionais.

Em breve, será criado na Amazônia o Parque Nacional Montanha do Tumucumaque, composto de florestas tropicais praticamente intocadas e que será o maior parque nacional do mundo. Terá uma área equivalente ao tamanho da Bélgica.

Quero lembrar que, segundo dados que acabam de ser divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, houve, nos últimos três anos, uma forte diminuição dos níveis de desmatamento na Amazônia.

Os resultados indicam que a taxa de desflorestamento caiu de 18.226 para 15.786 quilômetros quadrados por ano – portanto, uma redução de 13%.

O Brasil promoveu também um grande avanço em matéria de gestão de recursos hídricos, ao criar a Agência Nacional de Águas e definir a política nacional para esse setor, de forma a proteger e otimizar o uso da maior bacia hidrográfica do planeta.

No que se refere ao plano internacional, tenho-me empenhado pessoalmente nas negociações relativas ao Protocolo de Kyoto sobre mudança do clima. É com satisfação que ressalto a importância da aprovação do Protocolo pelo Congresso Nacional, ocorrida dias atrás. Dentro de pouco tempo, assinarei o instrumento de ratificação pelo Governo brasileiro.

Como se sabe, o Mecanismo do Desenvolvimento Limpo, previsto no Protocolo de Kyoto, surgiu de uma proposta brasileira. É o mecanismo mais inovador criado nos últimos dez anos no cenário das negociações ambientais internacionais.

O MDL equaciona o impasse Norte-Sul, ao criar a possibilidade de que investimentos em tecnologias que evitem o efeito-estufa se convertam em benefícios tanto para os países desenvolvidos quanto para os países em desenvolvimento.

Esse Mecanismo encarna o espírito da “governança progressista”. Cria um mercado voltado para o interesse público de salvaguardar, no plano global, padrões de sustentabilidade que a todos beneficiem.

Não é essa a expressão concreta do conceito de desenvolvimento sustentável?

Portanto, acredito que o espírito criativo e inovador que motivou o MDL deve inspirar a Cúpula de Johannesburgo.

Diante dos problemas que persistem – e, mesmo, dos problemas que se agravaram com a globalização, como o aumento da pobreza, das assimetrias Norte-Sul e da deterioração geral do planeta –, o que se espera de nós é que utilizemos nossa imaginação para pôr em prática o compromisso da transformação.

Sei das resistências que existem no plano internacional, especialmente nos Estados Unidos.

Ninguém pense que também não enfrentamos dificuldades no plano doméstico. As dificuldades existem na medida em que muitas de nossas instituições, empresas e indivíduos ainda não estão preparados para internalizar a dimensão da sustentabilidade global. Mas enfrentamos esse desafio democraticamente e esperamos que os outros países também o façam.

Os líderes políticos devem ter visão de futuro. Devem ter a coragem de enfrentar outras questões importantes relacionadas ao desenvolvimento, como, por exemplo, o protecionismo e o acesso a mercados. Isso é fundamental para permitir a integração na economia global, principalmente se levarmos em consideração que o consumidor, hoje, tam-

bém é globalizado e está disposto, nos seus atos cotidianos, a defender a sustentabilidade do planeta.

Enfim, convoquei esta reunião para ouvi-los, para que possamos definir uma estratégia que garanta o êxito de Johannesburgo. Teremos aqui reuniões e discussões com personalidades ilustres e realmente comprometidas com o meio ambiente.

Proponho que façamos, nos 62 dias que restam até a Conferência Mundial, tudo o que estiver a nosso alcance, de acordo com a capacidade pessoal e institucional de cada um, para avançar a causa do desenvolvimento sustentável.

Agradeço a presença de todos e passo, neste momento, a palavra ao nosso coordenador, Fabio Feldman.